

Quarteto de Cordas de Matosinhos

21 Set 2021
19:30 Sala 2

Nino Rota

Quarteto de cordas (1948-54; c.15min)

1. Allegro moderato
2. Adagio non troppo
3. Allegro robusto

Eurico Carrapatoso

Llaços, contradanças e descantes (2016; c.14min)*

1. Searas
2. Rabatida
3. Ninho
4. Encomendação
5. Malhadas

Felix Mendelssohn

Quarteto de cordas n.º 2 em Lá menor, op. 13

(1827; c.28min)

1. Adagio — Allegro vivace
2. Adagio non lento
3. Intermezzo: Allegretto con moto — Allegro di molto
4. Presto — Adagio non lento

*Encomenda Quarteto de Cordas de Matosinhos

Nino Rota

MILÃO, 1911 – ROMA, 1979

Nino Rota é um nome emblemático da música italiana, autor de cerca de 170 bandas sonoras, 11 óperas, 5 bailados e várias dezenas de obras sinfónicas e de câmara. Foi um menino-prodígio, neto do compositor e pianista Giovanni Rinaldi, e começou a aprender piano com a mãe, também pianista, aos quatro anos. A sua carreira começou bem cedo: aos 11 anos compunha a sua primeira oratória — *A Infância de São João Baptista* —, que seria tocada em Milão e Paris. Foi especialmente notória a relação longa e profícua com Federico Fellini, que o considerava o seu “colaborador mais precioso”, mas trabalhou com muitos mais realizadores de cinema — Visconti, Clément, Zeffirelli, King Vidor ou Francis Ford Coppola, para citar apenas alguns dos mais notáveis —, chegando a compor 60 bandas sonoras num único ano! A verdade é que esta actividade foi mal vista por algumas correntes europeias que se pretendiam mais “modernistas”, ancoradas na linguagem pós-weberniana e amnésicas quanto ao papel de Rota como renovador da música italiana nos anos anteriores à Segunda Guerra.

Na época em que foi composto, entre 1948 e 1954, o Quarteto de cordas de Nino Rota não poderia ter-se inscrito no repertório mais corrente, porque de facto não se apresenta associado a qualquer filosofia de ruptura com o passado. Mas isso não diminui as razões para o ouvirmos. O primeiro andamento, em particular, destaca-se por recuperar algo da estética impressionista enquanto se deixa impregnar de sonoridades da música popular que podemos associar a raízes medievais. Após um andamento lento em que impera a escrita contrapontística, o terceiro explora os contrastes entre um tema enérgico e um outro mais estático, afirmando a sua crença nas virtudes da clareza formal que os clássicos tanto cultivaram.

FERNANDO PIRES DE LIMA, 2021

Eurico Carrapatoso

MIRANDELA, 1962

Não esqueço mais a cerimónia de inauguração do Centro Cultural de Palaçoulo, ali ao pé de Miranda do Douro. Em boa hora fui convidado a estar presente.

Não me perguntem porquê, mas estive emocionado desde o primeiro minuto. Estremeci quando os Pauliteiros fizeram o *assalto ao castelo*, com o estrépito dos paus e dos pés a assentar com força no chão. Estava frio. E começou a nevar com abundância.

Mas o principal estava para vir: eis senão quando chegam à cena os *Pauliteiricos de Palaçoulo*. Lá estavam os miúdos, alguns deles ruivos e sardentos pela gota de sangue suevo que ainda lhes corre nas veias, mirandeses de gema nados e criados naquele planalto mítico. Lá estavam os miúdos, assim iniciados à nobreza dos antigos rituais da dança pírrica, tão lindos e seguros de si, agarrando a estafeta cultural maravilhosa que, daquele modo, recebiam de seus progenitores. Lá estavam com os seus *paulitos* mais pequenos para não magoarem seus dedinhos engaranhados do frio que fazia. Lá estava um ruivinho e sardento com seu pai atrás a soprar no fole da pequenina gaita-de-foles, que roncava, afinal, tanto como as outras, naquele arranque do seu bordão que tem tanto de grotesco quanto de épico, mais o basqueiro em que refulgiu a sua sonoridade bronzina, com apenas duas dinâmicas disponíveis: ou *forte*, ou *fortissimo*, a ecoar naquele branco planalto mirandês, alvinho de neve.

Nesse momento fui-me abaixo de emoção, confesso, e jurei a mim próprio que toda a minha vida continuaria a honrar, com a minha música, a memória do meu povo, as minhas origens, a minha identidade, os *llaços* do meu afecto, e que levantaria bem alto o pendão do meu orgulho de ser transmontano; e, virando-me para leste, de onde me chegavam os fétidos ares *d'além Pirenéus*,

amaldiçoei a corja dos vaidositos burgueses e mimados que, de modas urbanas, vociferam ainda hoje o caminho da estética e o fim da história da música pelo trágico diapasão do eixo Paris-Darmstadt, cristalizado no inominável instituto da música-poder, continuando a vomitar, como que amaldiçoados por um anátema, uma arte trágica que se arrasta, entubada, no circuito dos concertos de música contemporânea, mantida em estado vegetativo pelos programadores culturais com desfibriladores em riste. Temática transilvana.

Perante aqueles *Pauliteiricos de Palaçoulo* jurei a mim próprio, naquele dia frio e limpo, esfregar na cara a esses caramelos um manifesto que lhes berra nos seguintes termos: “Ide dar sangue! Ide cagar longe!”, *pardonnez mon français*.

E termino esta nota na minha amada lléngua mirandesa: *L aire de l campo fai-mos sentir bien*.

OURICO CARRAPATOSO, 2017

Felix Mendelssohn

HAMBURGO, 1809 – LEIPZIG, 1847

Apesar de destinado a uma vida breve, Felix Mendelssohn deixou obra extensa. Aos 13 anos começa a publicar a sua música, e no ano em que surge o Quarteto op. 13, conta o compositor 18 anos, já são conhecidos três quartetos com piano, um ciclo de canções, a 1.ª Sinfonia em Dó menor, o significativo Octeto para cordas e a famosa abertura *Sonho de Uma Noite de Verão* para orquestra, entre outras. Mas Mendelssohn, herdeiro de uma família abastada e esmerada na educação e cultura que incute nos seus filhos, torna-se também um entusiasta da grande música alemã esquecida no passado — da *Paixão segundo São Mateus* de Bach, que dá a conhecer após um século de obscuridade, à *Nona Sinfonia* de Beethoven, que interpreta ao piano.

A morte de Beethoven em 1827 marca definitivamente o espírito que paira sobre o Quarteto de cordas em Lá menor. Mendelssohn tinha estudado aprofundadamente os últimos quartetos do compositor de Bona, numa época em que já estavam muito pouco em voga, e são várias as citações que aparecem ao longo desta obra, sua herdeira directa. Uma das grandes referências é o Quarteto op. 132 (1826), cuja secção lenta inicial influencia a forma como está escrita a abertura do Quarteto de Mendelssohn. Só após um trilo da viola e uma passagem em semicolcheias é que entra o primeiro tema do *Allegro*, com uma frase descendente em ritmo pontuado, não sem antes ter surgido o motivo interrogativo que serve de epíteto ao quarteto — “Ist es Wahr?”, “É verdade?”. Este motivo, definido pelas notas dó sustenido (longa), descendo para si (curta) e subindo para ré (longa), é oriundo de um Lied com o mesmo nome composto pouco antes do quarteto, e Mendelssohn escreve a pergunta na partitura, tal como Beethoven tinha deixado inscrito, no último andamento do op. 135, a pergunta “Muss es sein?”, “Terá de ser?”. O motivo dá unidade a toda a obra, já que aparece em todos os andamentos de forma mais ou menos explícita. O segundo andamento, *Adagio*, tem uma secção fugada inspirada no Quarteto op. 95 de Beethoven, que irá fazer uma nova aparição no andamento final. O *Intermezzo* inicia-se com um tema lírico e simples acompanhado de *pizzicatos*, seguido de uma secção de

contraponto animado e marcado pelas notas em *staccato*, em jeito de scherzo e trio. O *Finale* reúne temas dos andamentos anteriores, mas merece especial destaque a forma como termina, retomando o motivo “Ist es Wahr?” depois de alguns capítulos bem mais tempestivos. Desta vez a pergunta desenvolve-se um pouco mais e encontra resposta, concluindo em serenidade com uma citação da parte final da canção original, cujo texto se poderá traduzir livremente por: “O que eu sinto é apenas compreendido por ela, que partilha do meu sentimento e que se mantém sempre fiel a mim.”

FERNANDO PIRES DE LIMA, 2014

Quarteto de Cordas de Matosinhos

Vítor Vieira violino

Juan Maggiorani violino

Jorge Alves viola

Marco Pereira violoncelo

Aclamado como um “caso singular de excelência no panorama musical português” (Diana Ferreira, *Público*, 2010), o Quarteto de Cordas de Matosinhos (QCM) foi criado pela Câmara Municipal de Matosinhos através de um concurso público. Desde 2008 é residente desta cidade, onde desenvolve uma temporada regular de concertos.

Na temporada de 2014/15, o QCM foi escolhido como uma das ECHO Rising Stars, por nomeação da Casa da Música e da Fundação Gulbenkian, realizando uma tournée de 16 concertos em importantes salas de concerto europeias. Apresenta-se também regularmente nos principais palcos do nosso país e colabora com alguns dos mais destacados músicos portugueses, tais como Pedro Burmester, António Rosado, Miguel Borges Coelho, António Saiote, Paulo Gaio Lima e Pedro Carneiro.

Desde a sua criação, o QCM assumiu um forte compromisso com o repertório português para quarteto de cordas, interpretando muitas obras menos conhecidas e abraçando novas obras de compositores contemporâneos: estreou já mais de 20 novas obras. O outro principal objectivo artístico do QCM vem sendo cumprido com a interpretação em Matosinhos do grande repertório para quarteto de cordas: as obras completas de Mozart e Mendelssohn foram já apresentadas, estando em curso as integrais de Haydn, Beethoven e Chostakovitch.

O QCM e os seus membros foram reconhecidos com prémios nos mais importantes concursos musicais nacionais, como o Prémio Jovens Músicos da RDP e o Concurso Internacional de Música de Câmara “Cidade de Alcobça”. Todos os membros estudaram na Academia Nacional Superior de Orquestra e aperfeiçoaram a sua arte em várias escolas de prestígio, incluindo a Escuela Superior de Música Reina Sofía (Madrid), a Northwestern University (Chicago) e o Conservatório de Sion (Suíça). O QCM também realizou formação especializada no Instituto Internacional de Música de Câmara de Madrid, onde estudou com Rainer Schmidt (violonista do Quarteto Hagen), além de trabalhar em masterclasses com membros de grandes quartetos de cordas, como Alban Berg, Lasalle, Emerson, Melos, Vermeer, Kopelman e Talich.